

FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS DO PARQUE INDÍGENA DO XINGU (PIX)

FICHA TÉCNICA

Projeto Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu - 1998

Instituição responsável:
Instituto Socioambiental

Endereço: Avenida Higienópolis, 901
São Paulo - SP - CEP: 01238-001

Público-Alvo: 50 professores indígenas de 30 escolas, atendendo cerca de 1000 alunos, crianças e adolescentes dos povos Kuikuro, Kalapalo, Matipu, Nahukuá, Mehinako, Waurá, Aweti, Kamaiurá, Trumai, Yawalapiti, Suiá, Kaiabi, Yudjá, Tapaiuna e Panará / Parque Indígena do Xingu/MT

Valor: R\$ 49.321,23

Período de duração:
de 01/07/98 a 01/07/99

além de vários tipos de colaboradores, convênios e contratos de cooperação técnica com outras instituições.

Por outro lado, o Parque Indígena do Xingú PIX é um continente indígena, onde os povos das regiões do Alto e Médio Xingu, os Kaiabi, Suiá e Yudjá, têm uma proposta clara de resgate cultural, tendo elaborado pela Associação Terra Indígena Xingu (ATIX) o Projeto Kumana: são casas de cultura, onde os velhos ensinam os mais jovens a fazer artesanato, contam histórias e falam sobre os conhecimentos tradicionais indígenas. Da mesma maneira, há a expectativa que a

escola contribua para a revitalização lingüística e cultural, trabalhando articulada com as casas de cultura. Os povos desta região vêm há alguns anos se preocupando em formar profissionais indígenas nas áreas de saúde, educação, mecânica, vídeo e, atualmente, quadros para a ATIX.

Os professores dessa região foram os pioneiros no PIX, tendo sido por iniciativa e reivindicação desses professores que o projeto Formação de Professores nasceu, estabelecendo-se assim a parceria com o Instituto Socioambiental.

Na vanguarda da ATIX está o povo Kaiabi, que tem uma triste

O Instituto Socioambiental, fundado em 1994, incorpora o patrimônio do Programa Povos Indígenas no Brasil, do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e do Núcleo de Direitos Indígenas (NDI) de Brasília. Tem como objetivo defender bens e direitos sociais relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. Cada uma de suas unidades tem equipes profissionalizadas permanentes,





história de contato, tendo vivenciado situações de escravidão nos seringais e perda de território. No Médio Xingu existe a expectativa de um funcionamento mais contínuo das escolas, há um maior envolvimento dos pais dos alunos no processo educacional e uma grande cobrança das comunidades em relação ao trabalho dos professores; em outras regiões, a expectativa não é tão avançada, e o presente projeto busca atender a todos, atendendo um total de 1 000 alunos, de escolas indígenas estaduais e municipais.

O principal objetivo é que as escolas do PIX contribuam tanto para a preservação e revitalização das culturas ali presentes, através da valorização das línguas e dos conhecimentos indígenas, quanto para a convivência das diferentes etnias com a sociedade não-indígena, de maneira digna e autônoma. Nesse sentido, o eixo da proposta de formação é o gerenciamento do território, tendo como temas transversais, o meio ambiente (utilização, preservação, manejo, alternativas econômicas auto-sustentáveis), a vigilância do território e as relações com o entorno do Parque, uma vez que

os índios começam a sentir as consequências do desmatamento desordenado e da poluição das nascentes dos rios formadores do rio Xingu, bem como as invasões de agentes predatórios (madeireiros, fazendeiros, pescadores, caçadores, garimpeiros etc).

O projeto se efetiva pelo acompanhamento pedagógico dos assessores responsáveis, que assistem às aulas do professor cursista, observando a sua atuação. Após a aula deve ser realizada uma avaliação da mesma em conjunto com o professor índio, momento em que o assessor deverá fazer observações sobre a aula assistida, contemplando questões tais como:

- Interesse e participação dos alunos;
- Compreensão dos alunos sobre os conteúdos abordados;
- Postura do professor com relação aos alunos;
- Relacionamento entre os alunos, possibilitando o aprendizado mútuo;
- Uso de atividades lúdicas;
- Necessidade de aprofundamento no estudo de temas de interesse do professor e/ou dos alunos;
- Avaliação do professor em relação ao aprendizado dos alunos;
- Orientações na elaboração de planejamento de aulas e do re-

Desenho de Mawut Kaiabi

Caranguejo,
Wararu.



gistro no diário de classe.

DATA: 23/06/97

MANHÃ (SEGUNDA-FEIRA)

– BOM, EU VOU CONTAR COMO É QUE EU VOU INICIAR AULA. EU ORGANIZEI 17 ALUNOS QUE VÃO ESTUDAR DE MANHÃ.

– PRIMEIRO EU CONVERSEI COM OS ALUNOS.

– EU DISSE PARA ELES ASSIM: – BOM, VOCÊS QUE SÃO MEUS ALUNOS. TEM QUE VIR SEMPRE PARA A ESCOLA, NÃO PERCA AS AULAS.

VOCÊS TEM QUE LER AS PALAVRAS QUE EU TE ENSINEI.

É ASSIM EU CONVERSEI COM OS MEUS ALUNOS, ANTES DE INICIAR A AULA.

– BOM, COMO ELES JÁ SABEM UM POUCO A LER, ESCREVER, ELES JÁ TINHAM ESTUDADO ANTES. EU VOU ENSINAR (ELES COM) AS HISTÓRIAS (DE)ANTIGOS.



A HISTÓRIA DA SUCURI

UMA MULHER CASADA TINHA UM NAMORADO.

ELA NÃO PERCEBEU QUE O MARIDO SABIA DE TUDO.

UMA DIA O MARIDO SAIU PARA PESCAR MAS NÃO CONSEGUIA ESQUECER O NAMORO DE SUA ESPOSA. ELE ESTAVA COM MUITO CIÚME. ENTÃO RESOLVEU SE VINGAR.

ELE ENCONTROU ALGUNS OVOS DE SUCURI. COLOCOU OS DENTRO DA BARRIGA DE UM MATRINCHÃ QUE HAVIA PESCADO E ASSOU O PEIXE. ELE CHEGOU À NOITE E ACORDOU A MULHER PARA COMER PEIXE. ELA PERGUNTOU AO MARIDO:

– SERÁ QUE VOCÊ AGUENTA IR CEDINHO COMIGO NA ROÇA?

O MARIDO RESPONDEU:

– EU ESTOU MUITO CANSADO, POR ISSO NÃO IREI COM VOCÊ, MAS PODE LEVAR ESTE MATRINCHÃ. SE ALGUÉM APARECER NA ROÇA, VOCÊ DÁ TODO TODO PEIXE PARA A PESSOA COMER.

NO DIA SEGUINTE ELA FOI PARA A ROÇA E LEVOU O

PEIXE PARA O NAMORADO COMER.

DEPOIS QUE ELE COMEU O MATRINCHÃ ELES COMEÇARAM A NAMORAR.

ENTÃO ACONTECEU UMA COISA ESTRANHA:

O NAMORADO SE TRANSFORMOU NUMA SUCURI. O MARI-DO DESSA MULHER E O PESSOAL DA ALDEIA CHEGARAM PARA VER O RAPAZ VIRANDO COBRA. A MÃE DO RAPAZ, DEPOIS DE PINTÁ-LO, MANDOU-O ENTRAR NA MATA E PEDIU-LHE QUE AJUDASSE OS HOMENS A SEREM FORTES, QUE FOSSEM CAMPEÕES NAS LUTAS.

O HOMEM QUE SE TRANSFORMOU EM COBRA CHOROU. MAS DESAPARECEU NO MATO.

É POR ISSO QUE ATÉ OS LUTADORES PASSAM GORDURA DE SUCURI NO CORPO, PARA TEREM FORÇA E CORAGEM.

ESTA HISTÓRIA QUE EU ESCREVI NA LOUSA PARA MEUS ALUNOS, DEPOIS EU PEDI PARA CADA UNS DELES LEREM, DAÍ EU PEÇO PARA ELES COPIAREM NO CADERNO. PEÇO PARA ELES PRESTAREM ATENÇÃO NO TEXTO.

– DEPOIS DISSO, EU ESCREVI A PERGUNTA SOBRE ESTA HISTÓRIA DA SUCURI E EU ESCREVI NA LOUSA.

PERGUNTAS

1 - QUAIS SÃO OS PERSONAGENS DA HISTÓRIA?

– ELAS RESPONDERAM ASSIM:

SUCURI, MULHER, HOMEM MATRINCHÃ

2 - POR QUE OS LUTADORES PASSAM ÓLEO DE SUCURI NO CORPO?

– PARA OS LUTADORES TEREM FORÇA E CORAGEM, E POR ISSO QUE OS LUTADORES PASSAM O ÓLEO DE SUCURI NO CORPO.

3 - POR QUE O RAPAZ SE TRANSFORMOU EM SUCURI?

– PORQUE O RAPAZ COMEU O OVO DE SUCURI, POR ISSO QUE ELE TRANSFORMOU EM SUCURI.

ASSIM ELES RESPONDERAM AS PERGUNTAS NO CADERNO.

Professor Makaulaka Mehinaku
Aldeia Mehinaku
Escola Indígena Municipal de
Primeiro Grau Madrim



Um outro trabalho, este desenvolvido pelo professor Sirawan Kaiabi, de 26 anos, aldeia Kwaruja, na Escola Indígena Municipal de Primeiro Grau Ka'i, e acompanhado pela assessora Jackeline Rodrigues Mendes, foi uma pesquisa com Prepori Kaiabi (pajé e avô do professor) sobre as formas de os antigos marcarem o tempo. De acordo com Prepori, quando os antigos saíam para caçar, o tempo de duração da caçada era marcado utilizando as mãos, os pés e a lua. A conversa foi gravada e Sirawan escreveu textos sobre o depoimento do avô que irão compor o livro de matemática na língua Kaiabi. Sirawan também pesquisou e escreveu textos em Kaiabi sobre o calendário anual, onde a posição das estrelas, o florescimento de árvores e outros sinais da natureza anunciam/marcam os períodos de chuva e seca, de plantio, de festas.

Como resultado do acompanhamento das aulas dadas pelos professores, a Coordenação do Projeto estabelece com os linguistas a responsabilidade de que o trabalho seja direcionado para um produto, que pode ser a elaboração de textos e atividades, registro e transcrição de histórias ou pesquisas desenvolvidas pelo professor índio, que resultem em materiais didáticos/literários para uso nas escolas. Seguindo esse princípio metodológico, o estudo das línguas indígenas se dá através da prática do exercício da oralidade, leitura e escrita, bem como através da pesquisa junto aos mais velhos das comunidades que dominam as línguas e os conhecimentos de cada etnia.

A proposta de acompanhamento à escola Panará difere um pouco do trabalho realizado com as demais escolas do PIX. Os Panará, conhecidos como Kren-Akarore, vivenciaram uma

dramática situação de contato com a abertura da rodovia Cuiabá-Santarém, localizada entre os atuais municípios de Matupá, Peixoto de Azevedo e Guarantã do Norte no Mato Grosso e Altamira no Pará. Quando contatados, estimava-se totalizarem em torno dos 400 indivíduos, e reduziram-se a 79 pessoas em 1975, quando foram transferidos para o Parque Indígena do Xingu. A partir de 1990, os Panará realizaram viagens ao antigo território, com intuito de verificar o que havia ocorrido com suas terras tradicionais. Tendo identificado uma parcela destas terras ainda conservada, situada entre as cabeceiras dos formadores do rio Iriri e o rio Ipiranga, iniciaram a partir de 1993 a reocupação de suas terras, atualmente em processo de demarcação.

Os Panará, vivendo agora numa região da qual estiveram afastados por 22 anos, têm novos vizinhos e novos desafios a enfrentar, sendo o principal deles a defesa dessas terras por meio de sua ocupação e fiscalização.

Um resultado muito positivo do acompanhamento pedagógico e lingüístico, além da melhoria da qualidade de ensino, resultante de orientações pedagógicas para o professor e de um trabalho direcionado para o seu desenvolvimento intelectual, foi a realização, pelos professores indígenas, de pesquisas sobre conhecimentos tradicionais:

- As gravações e transcrições de histórias narradas pelos velhos, realizada pelos professores Kuikuro e Matipu, que integram o livro *Tisügühütu, kukügühütu*, de leitura e atividades de escrita na língua Kuikuro e Matipu para os



alunos alfabetizados.

- A pesquisa sobre tatuagem, realizada pelos professores Kaiabi, que surgiu da gravação da história sobre as guerras dos Kaiabi contra os Apiaká; a história do Jay (o Lua) e as pesquisas sobre a matemática tradicional (estudo da matemática presente na cestaria e sobre o calendário tradicional).
- A elaboração de novos textos nas línguas indígenas a integrarem materiais de alfabetização e os livros de leitura e atividades de escrita, especialmente na disciplina de Ciências (textos sobre transmissão, sintomas e prevenção de doenças transmissíveis).

Uma curiosidade:

**6 na língua suiá
wanlyka nhikre
kâm wyti
(nossa mão cheia e mais um)**

Alguns professores que participam há mais tempo dos processos em curso neste projeto não requerem mais acompanhamento pedagógico, desejando agora aprofundar-se em algumas áreas de conhecimento, para alçarem-se cada vez mais em altos vãos, como profissionais e como indivíduos autônomos.